



FONSECA DEL.

COELHO GRAV.

GRUPO ORIENTAL DO PEDESTAL DA ESTATUA EQUESTRE.

## ESTATUA EQUESTRE D'ELREI D. JOSÉ.

2.º

ESTE grupo, em que é bem facil de reconhecer pelas azas e pela tuba o vulto da *Fama*, está do outro lado do pedestal correspondente ao grupo do *Triumpho*, representado na estampa que acompanhou o n.º 158, pag. 145 do presente volume. Não é facil dizer a razão porque alli pozeram um elephante, nem o proprio estatuário, Machado, a sabia, porque não foram pensamentos seus as allegorias dos dois grupos, tendo-lhe sido entregues os desenhos, para os executar na pedra, sem mais permissão para os alterar que a de fazer leves mudanças nos panejamentos e attitudes; e ainda a muito custo pôde conseguir que não fossem femininas ambas as figuras aladas. Vogou a opinião de que nestes grupos se symbolisavam as quatro partes do mundo, porque em todas Portugal possuia dominios, e de que o cavallo denotava a Europa, o elephante a Asia, e as figuras prostradas as outras duas grandes regiões. Mas quem não vê que ha nesta interpretação a maior incongruencia e disparate?.. Representar as duas mais cultas porções do globo em vultos d'animaes irracionaes, e as menos civilisadas em figuras humanas! Porem importa pouco que o sentido da allegoria seja obscuro ou incompetente, visto que, ao dizer de Machado, *qualquer que se lhe queira ac-*

TOM. IV. JUNHO 27 — 1840.

*commodar ha-de ser forçado*: o talento e a mão perita do artifice que dirigiu e desempenhou estas obras primorosas deram realce á concepção alheia: só a elle se encaminham os louvores de quem as contempla: e todos conhecem que quem inventou e delineou o baixo relevo do pedestal bem poderá aformosear os lados com trabalhos igualmente originaes.

Para que fosse inteiriço cada um destes grupos eram necessarias duas pedras de 17 palmos de comprimento, 18 d'alto e 10 de grosso cada uma: portanto alem da difficuldade de extrahir e conduzir das pedreiras tão pesados rochedos, duplicaria o trabalho querendo-se fazer cada grupo de uma só peça; ao passo que o monarcha, o ministro e a cõrte instavam pelo acabamento da obra, e desejavam vê-la completa n'um dia, se tanto coubesse no possível. Por isso resolveu o escultor, para diminuir o trabalho material e poupar tempo, lavrar os grupos de diversas peças; e o como estão ajustadas e entre si unidas, por tal fórma que não affrouxam a expressão das attitudes, pôde examinar o espectador mais minucioso. Póde ser que muitos julguem que dá maior valor a obras desta natureza o serem inteiriças; mas se nas de que tratámos observarem a perfeição e belleza do todo talvez que mudem de opinião, se não pelo valor da pedra ao menos pelo lado do merecimento artistico. Alem de que, por não citar outros exemplos de maior valia, o famoso grupo de

Laocoonte (1) é composto de cinco pedaços, apesar de ter muito menores dimensões do que qualquer dos do Terreiro do Paço; todavia nada perde por isso do seu preço, antes é geralmente reputado pelo primor da estatuaria.

Cada um destes grupos lateraes do pedestal da estatua d'elrei D. José, consta de dez pedaços de marmore de tamanhos diversos, tendo sido necessario empregar algumas pedras de bastante grandeza — «por terem as figuras humanas quatorze palmos d'altura, excepto os seus terrassos; e como estes se deviam incluir nas pedras a que pertencessem, e as figuras aladas são em pé, se precisaram para estas duas pedras de quinze palmos d'alto cada uma, cuja medida contem da cabeça para baixo: sendo as azas, que se elevam, feitas de pedaços diversos (2).» — O marmore é *lioz de Peropinho*; que não só é muito preferivel pela consistencia á pedra d'Ançã, junto a Coimbra, mas tambem susceptivel de receber o lustre que lhe queiram dar: não se deve pôr lustrar para lhe não offuscar a alvura que o faz realçar mais, porque com essa operação escurece, e descobre mais visivelmente os fios e manchas que tem. Não ommittiremos que, apesar das favoraveis circumstancias de possuir-mos não só o marmore, como uma aula d'esculptura estabelecida em Mafra, onde Machado praticou, houve quem pretendesse que as figuras se deviam mandar fazer a Carrara na Italia, como aconteceu com o Neptuno do chafariz do Loreto, que sendo o modelo de Joaquim Machado foi mandado executar em Carrara em 1771, segundo escreve o douto pintor Cyrillo: porem felizmente o architecto Raynaldo Manuel dos Santos oppoz-se com todo o vigor áquella lembrança e conseguiu que a esculptura adjacente á estatua equestre fosse desempenhada em marmore do reino por mãos portuguezas, trabalhando nella, sob a direcção do insigne escultor que a modelára, os discipulos e ajudantes do mesmo, João José Elveni, filho d'um allemão, mas nascido em Lisboa, Alexandre Gomes, do termo de Mafra, José Joaquim Leitão, tambem desta villa, e Francisco Leal Garcia, natural de Santarem, e fallecido em Setembro de 1814. Para este effeito erigiu-se na Praça do Commercio e proximo ao pedestal da estatua um laboratorio interino, e começou-se o desbaste a 19 de Junho de 1772, proseguindo-se no ulterior trabalho, transportando-se dos competentes modelos as medidas ao marmore, até seu complemento, que foi nos principios d'Abril de 1775.

#### TUMULTOS D'EVORA.

##### III.

##### O Manuelinho.

A HISTORIA das celebres alterações ou tumultos d'Evora no anno de 1637, precursores do grande movimento nacional de 1640, foi largamente tratada por D. Francisco Manuel na 1.<sup>a</sup> das suas Epanaphoras: e alem disso mui fresca deve estar ainda na lembrança dos nossos leitores a noticia dos mesmos tumultos, publicada por um dos nossos mais illustres contemporaneos nos N.<sup>os</sup> 136 e 137 deste Jornal.

A descoberta porem do curioso documento, que abaixo vai lançado, nos moveu a tocar novamente esta materia, para dar mais por miudo noticia do

(1) Vid. a gravura do grupo de Laocoonte a pag. 249 do 3.<sup>o</sup> volume.

(2) Machado de Castr. Descripç. Anal. cap. 6.<sup>o</sup> pag. 148.

celebre *Manuelinho*, cujo nome tanto figurou naquellas alterações.

Bem sabido é que o corregedor André de Moraes Sarmiento por muita fortuna sua pôde apenas escapar com vida; mas o povo no meio dos seus furores queimou as casas, em que elle morava; e por informação d'uma memoria inedita accrescentaremos que depois de consumidas pelo fogo e arrasadas foram salgadas; havendo de mais a mais a notavel circumstancia de serem de Miguel de Vasconcellos, secretario d'Estado, o mais odiado de todos os oppressores de Portugal. — Depois de nos contar este, e outros semelhantes feitos da plebe revoltosa, continúa D. Francisco Manuel por estas palavras. —

«Em tanto os de Evora, não contentes do passado, começaram a gloriar-se de suas acções, em vez de teme-las; e o que parecia e foi mais perigoso contra a paz publica, era a communicação, que por cartas introduziam com os povos visinhos e distantes, a quem, conforme a confiança ou correspondencia que com elles tinham, faziam participantes de seus propositos. Direi alguma cousa do modo de suas juntas, e da maneira que chamavam para sua congregação, para que se veja até donde alcança a industria dos opprimidos; e para que a todos os principes sirva de aviso, a fim de que cuidem de remediar a oppressão dos vassallos, antes que elles se disponham ao remedio della.

«Fôra poucos annos antes conhecido em aquella cidade um homem doudo e dizidor, e por isso accetissimo ao povo, cujo nome era Manuel, e por jogo e sua notavel grandeza ironicamente *Manuelinho*. Usava fazer practicas pelas ruas ao vulgo, a quem com vozes desordenadas e historias ridiculas excitava sempre a alegria; donde procedeu ser na cidade e seus contornos a pessoa mais conhecida: a cuja lembrança recorrendo alguns de aquelles inquietos, foi ordenado entre elles que todas as convocações, cartas, editos, e ordens se despachassem debaixo do signal de *Manuelinho* de Evora, porque assi se escusava de ser jamais conhecido o auctor destas obras; ficando aquelle nome desde então constituido por signal publico, para que se podessem entender sem confusão em seus chamamentos. Nesta observancia amanheciam cada dia fixados pelas praças e portas da cidade provisões, bandos, e decretos pertencentes ao estabelecimento de sua defenza: debaixo desta fórma se escreviam e despachavam cartas ás camaras do reino, se despediam os ministros de seus officios, e se accommodavam nelles outros, em virtude de um simples provimento assignado por *Manuelinho* de Evora. Chegou a tanto a auctoridade de seus mandados que bastava para que um cidadão, fidalgo, ou ministro deixasse a cidade, casa, e officio, ou outorgasse sua fazenda, ser-lhe assim mandado pela incerta voz de *Manuel*; porque já se sabia que nella era inclusa tacitamente a vontade do povo, a que nenhum poder resistia. Assim se observou com muitos suspeitosos dando-lhes termos de dias, e desterrros, que foram dos condemnados inviolavelmente obedecidos; porque depois do preceito comminavam logo as penas, que se seguiam á sua inobediencia, as quaes não eram menos de morte e incendio. Usavam deste artificio nas cousas que tratavam tumultuosamente; mas aquellas, que julgavam conforme a seu poder ordinario, em publico as resolviam, e com auctoridade da Camara, que violentada lhe obedecia, eram dispostas. De sorte que dentro da propria cidade [cousa jámais vista] concorriam todos os tres modos do governo, que assignam os politicos; o dos nobres, que em logar d'elrei significava o monarchico, sempre continuavam com suas conferencias; o

da Camara, que não desistindo do seu exercicio competente, representava o modo aristocratico; e o do povo, que em beneficio da liberdade proclamada exercia um regimento commum por modo democratico; donde qualquer do vulgo tinha igual auctoridade que o mais sabio ou poderoso.»

Para nossos leitores pois ficarem inteirados da maneira quasi de galhofa, e ao mesmo tempo soberana, porque *Manuelinho* exercia seu magico poder, poremos aqui um dos seus editaes, assim como o achamos trasladado n'uma collecção manuscrita de noticias historicas.

«Nós os meninos e rapazes, ministros da divina justiça, com particular providencia de Deus nosso senhor, e com alçada sobre os traidores e perjuros á patria, executores dos tributos de um rei tiranno; e com poder de executarmos os castigos já decretados no tribunal da divina justiça, com auctoridade quasi divina a nós concedida, &c. — Fazemos saber que levados nós do christianissimo zelo da honra de Deus, amor da patria, fome de nossos irmãos, pobreza de nossos paes, necessidade de nossas orfaãs pelo perigo, a que tambem estam expostas pelas presentes tyrannias, finalmente da grande pobreza, de que a nós se queixa todo o estado de gente: desejan-do nós pela obrigação de nosso officio buscar meio para se atalharem traições e roubos tão publicos e escandalosos, ainda á custa dos proprios barbaros, que não conhecem que cousa é Deus: e como executores da divina justiça: Mandamos a toda a pessoa assim seculares, como frades e clerigos, e aos Padres da Companhia de Jesu, estejam prestes com suas orações e pessoas para nos acudirerem a executar a sentença, que ora se despachou no tribunal da divina justiça, para que morra todo o que for traidor á patria, e quizer executar tributos do rei tiranno, ou que der para isso industria alguma; para que com o exemplar castigo de seus vergonhosos feitos não se renovem outros novos Catilinas e Marcos Antonios, para que não venham estes taes a ser queimados por traidores, como foi o que queimaram este presente anno por judeu (\*); do que se seguirá virem os portuguezes a acabar de perder seu valor, e serem infieis a seu Deus, e a sua patria, e a seu rei, sendo christão; e ficarão prevalecendo contra nós os tirannos, que cada dia accrescem, e as fomes, que ha tanto tempo padecemos, sujeitos á servidão de um tão tiranno Pharaó, que parece nos quer vender até a propria lei, que temos; não entendendo que hade pôr Deus seus olhos de misericordia nas lagrimas de um povo, que sempre foi exemplo da christandade, como é a nossa illustre cidade de Evora. — Dada aos 22 de Agosto de 1637. — E eu *Manuelinho* Secretario o escrevi.»

J. H. da C. R.

#### DO MAGNETISMO ANIMAL.

UM dos maiores embustes e charlatanismos dos seculos passado e actual é o celebre magnetismo animal; e com effeito não se poderia inventar cousa mais propria para attrahir a credulidade das turbas e para excitar espiritos ardentes e entusiastas. É tão curiosa e recente a historia desta mania [que ainda não suppomos totalmente desamparada de pro-selytos] que lhe consagramos um artigo com o fim de illustrar os menos instruidos, que tenham lido ou

(\*) Foi Francisco Nunes, christão novo, mercador de Faro, o qual foi queimado vivo (dizem as memorias contemporaneas) por profiteiro de lei de Moisés no auto da fé de 14 de Junho de 1637.

ouvido fallar alguma cousa ácerca de tamanha *maravilha*.

Metteu-se em cabeça a um medico alemão, chamado Mesmer, o curar enfermidades com a virtude e applicação da pedra iman, ou de outro corpo magnetisado, e da Suabia foi para Vienna a praticar a sua arte; mas encontrou-se alli com o frade Hell, curandeiro que presumia ter feito muitas curas pelo mesmo methodo e que o accusou de lhe querer roubar o invento. Não podendo Mesmer provar a prioridade do seu remedio, e sendo ao mesmo tempo um charlatão atrevido, respondeu que não curava mediante o magnetismo mineral, mas sim com o magnetismo animal, isto é, pela acção de uma creatura humana para com outra, por meio do tacto, da respiração, ou só com o fitar a vista n'uma pessoa de constituição debil, e com mais efficacia se o que magnetisava era de sexo distincto da pessoa magnetisada; porem que era indispensavel que esta pessoa fosse de disposição de crêr tudo sem duvidar, pois de outro modo não podia receber a virtude do magnetisante.

Mesmer começou os ensaios da sua pretendida arte de curar com uma senhora cega, mas enfadado de ver que apesar dos seus esforços a senhora continuava a ficar cega como d'antes, retirou-se de Vienna e foi a Paris em 1778. Depois de varias diligencias baldadas para se introduzir com alguns homens scientificos desta capital, logrou adquirir um sequaz, chamado Deslon, que de pupillo se fez rival do mestre e proclamou este como impostor. Mesmer queixou-se ao governo, que lhe respondeu que a nação o premiaria vendo que elle apromptava um *clinico magnetico* e que ensinava o seu methodo curativo a tres pessoas nomeadas por elle governo. O empirico não admittiu a proposição e foi-se para Spa.

Sempre a historia mostrou que quanto mais ousado é um embaidor, tanto maior é o numero dos illudidos; e assim foi neste caso, porque a notoriedade do impostor Mesmer, a quem a extravagancia fizera celebre, convidou a Spa um numero crescido de enfermos credulos. Agora que seguimos Mesmer ao auge da sua fama, descreveremos os phenomenos da sua *maravilha* animal, segundo os referiu Mr. Klage na «*Exhibição do magnetismo animal.*» Estes phenomenos referem-se ao magnetisador e ao magnetisado.

1.<sup>o</sup> *O magnetisador.* — O effeito positivo que este póde produzir é proporcional ao maior gráu de energia e poder vital que tem sobre a pessoa magnetisada: o homem em geral faz mais effeito que a mulher. Se o magnetisador é a pessoa mais debil não haverá effeito algum apparente, ou inverter-se-ão os effeitos; isto é, apparecerão nelle os effeitos positivos e os negativos na pessoa magnetisada. Se o magnetisador manipula sobre uma pessoa susceptivel de magnetismo, sentirá sempre um encendimento ou calor que corre suavemente das palmas das mãos até as pontas dos dedos: se cubrir as mãos com luvas de seda ou de outro material electrico não sentirá essa sensação, e a operação será inutil; mas se as luvas forem de paninho ou de pellica não se impedirá o effeito. Depois d'uma operação feliz o magnetisador sente um desgosto intimo, debilidade no systema digestivo, e em geral uma perda de força proporcionada á susceptibilidade da pessoa magnetisada, ou á duração ou frequencia da operação. Se, durante esta, o magnetisador e a pessoa magnetisada se mantiverem *insulados*, isto é, rodeados d'um corpo electrico; a perda do poder naquella será menor, e muito maior o effeito produzido neste.

2.<sup>o</sup> *Phenomenos na pessoa magnetisada.* — São de

duas especies : ou tem relação ao estado geral do corpo, ou somente a algumas actividades particulares da organização. Os phenomenos da primeira classe, os mais proprios do magnetismo, são : o desenvolvimento do poder vital em todas as partes do corpo, sem excitação alguma consideravel nem em o systema vascular e digestivo nem em os órgãos da secreção : uma excitação suave sobre toda a superficie do corpo : a transferencia da força vital excitada do órgão, que padece, para os outros : uma diminuição ou supressão total do excitamento que produz a actividade morbosa dos nervos.

Muitos dos nossos leitores dirão que tudo isto é uma geringonça, mas a culpa não é nossa, porque nos vemos obrigados a exprimir-mo-nos segundo o estylo dos fanaticos *mesmerianos* para dar idea da sua doutrina. O magnetizador, dizem elles, não só ha-de ter corpo mais forte que a pessoa magnetizada, mas tambem deve ser de constituição perfeitamente sadia, de vigoroso entendimento para sopear os affectos e as paixões, e d'uma fé viva e vontade firme, não só para ter imperio sobre os meios curativos, como tambem sobre o enfermo. Diffusos seriamos se quizessemos explicar os seis gráus em que elles dividem os phenomenos que experimenta : resumiremos a noticia o mais que for possivel. No primeiro da-se a sensação de uma forte corrente de calor da cabeça ás extremidades ; no segundo o calor vai em augmento, fecham-se por força os olhos, mas augmenta-se a actividade dos outros sentidos, o enfermo conhece quanto lhe fazem, ainda que de ordinario não articula palavra. É de saber que o magnetizador faz a sua operação mediante uma varinha magnetica [que é talvez a de *condão*] ou como alguns querem simplesmente com certos geitos e bichanrices feitas com as pontas dos dedos, mas sem tocar no paciente ; e para o bom effeito é necessario que na casa haja certo gráu de luz, ou, para melhor dizer, quasi nenhuma : vejam de que patifarias não seria capa o magnetismo animal ! Emfim, concluida, segundo os mesmos doutores, a operação magnetica, o enfermo abre os olhos, mas não vê senão centelhas como relampagos, sente formigueiros nas extremidades dos pés e mãos, sensação desagradavel na boca do estomago, &c. Os signaes que acompanham o terceiro gráu são desmaios, convulsões e privação dos sentidos. No quarto gráu desperta o enfermo não do sono exterior, mas interiormente, e recupera o conhecimento de tudo o que lhe está succedendo, ou do que sente ; fica como somnambulo, não tem uso da vista, mas supprime-lh'a o tacto, porque neste estado pode por este sentido distinguir as côres. O mais singular é que toda a sensação se concentra na região do estomago, e supre este o sentido da vista, porque collocado um relógio d'algibeira na bôcca do estomago do somnambulo, este conhece assim quantas horas são, sem se enganar nem nos minutos ; o estomago tambem supre o ouvido ; o olfacto apura-se muitissimo ; porem no 5.º gráu sobe de ponto a maravilha, é este o estado chamado *penetrante*, em que o paciente adquire tão superior conhecimento que é capaz d'investigar o mais recondito da sua estructura corporea, e de entender os meios necessarios para a sua cura, mencionando a mais adequada especie de magnetismo. A *sympathia* do magnetizador com o *penetrante* é tão forte e notavel que passam para o ultimo os affectos d'alma do primeiro : e continúa, ainda que entre os dois medeie consideravel distancia. Chega porem o sexto e ultimo gráu, então o magnetizado goza uma clara vista da natureza, e pode distinguir os segredos do passado, presente e futuro. Emfim cremos que não será necessario expor

mais particularidades, e estas ultimas bastam para qualquer homem cordato ajuizar se a doutrina de Mesmer é ou não um complexo de abusões e falsidades. Perguntarão porem muitos como é que taes embustes se acreditaram na culta Europa e neste seculo illustrado, mas se reflectirem no que presenciámos a cada passo em pontos de credulidade não se admirarão de que cheguem a ter voga as opiniões e charlatanismos mais ridiculos. Em Londres, em 1814, uma rapariga fanatica, por nome Joanna Southcott, annunciou que estava milagrosamente grávida do promettido *Shiloh* ou Messias, e logo a rodearam innumeraveis crentes, e entre elles ecclesiasticos, pessoas titulares e outra muita gente seria : aconteceu morrer a pertendida parturiente, mas apesar do vergonhoso desengano ainda muitos esperaram, e talvez que esperem pela resurreição da mulher e cumprimento do prodigio. De factos semelhantes andam cheias as gazetas. Na mesma capital da Graã-Bretanha, em 1834, appareceu outro fanatico, o famoso prégador Irving, declarando que o espirito divino movia os verdadeiros devotos a explicarem-se em linguas desconhecidas ; e a consequencia foi que por muito tempo varias pessoas, particularmente senhoras, se levantavam de subito na igreja, gritando freneticamente *ha, he, hi, hi, ha, he* ; até cansarem e cahirem desfalecidas. Quem viu esta farça não sabia qual admirasse mais, se a debilidade de entendimento das illusas, se o fanatismo da congregação, se a ousadia e descaro do reverendo ministro que dizia logo a seus ouvintes : *Vós não entendeis essa linguagem, nem eu tambem ; mas crêde-me, é o idioma divino, e Deus nos falla por elle ao coração.* — Se Irving não morresse em 1836, onde estaria hoje o adiantamento de fallar linguas desconhecidas em Londres ; aliás a policia teria de fazer o seu dever.

Prosigamos agora com o magnetismo animal até o desenlace que o prostrou. Foram tantos os proselitados, ou enfermos manicacos de Mesmer, que este individuo ganhou em breve tempo mais de cento e vinte mil cruzados. O governo francez nomeou uma commissão de medicos, de varios membros da academia das sciencias, entrando o celebre Franklin, que então residia em Paris, para investigar o methodo de Mesmer ; e o resultado foi uma excellente memoria em que se expõe completamente a futilidade do magnetismo animal, e o seu inventor fica declarado charlatão presumpçoso. Isto obrigou Mesmer a sahir de França, a mudar o nome e a estabelecer-se em Inglaterra, mas vendo que pouca influencia alcançava nos animos e temperamentos inglezes, voltou á Alemanha em 1799 e publicou um novo tractado sobre a sua doutrina ; porem esta não cresceu, ainda que um tanto se manteve ; e Mesmer morreu em 1815 com 81 annos d'idade.

Bem sabidos são os effeitos que póde produzir na constituição physica do homem a imaginação escandecida : e assim como a graça divina fazia com que os martyres sorrissem ao aspecto da secúre ou das chammas, e o fanatismo incute nos seus proselytos animo bastante para arrostarem os maiores perigos, o entusiasmo excitado em animos credulos lhes faz sentir sensações, que, por muito naturaes que sejam, sempre elles a tomam em conta de sobrenaturaes, o que tambem póde ser effeito d'uma sensibilidade morbosa. Não duvidâmos por isso affirmar que muitos magnetizados, especialmente as mulheres, exaggerariam phenomenos, que não tivessem experimentado, só pela vaidade da novidade, ou callariam por vergonha a verdade do caso.

Por outro lado, observa-se que pela morte d'um impostor não deixam d'apparecer outros que, mos-

trando-se zelosos discipulos da doutrina nascente, trabalham por colher os fructos que o inventor semeára. Fallecido Mesmer, não faltaram por tanto magnetisadores que sustentassem o embuste, mas um successo imprevisto, um golpe desgraçado feriu pela raiz o magnetismo animal: porque só um tal successo é meio convincente para desenganar fanaticos. Perseguir embusteiros é augmentar-lhes o numero dos sectarios; e as impugnações scientificas não servem senão para inclinar ainda mais os ignorantes a acreditar o embustamento: é isto o que de ordinario notamos no mundo. Acontece porem que um acaso, nascido da malicia ou pouca destreza dos charlatães, é o que os precipita e enterra.

Em 1821 o magnetismo animal foi causa ou meio de um acto infame practicado com uma donzella formosa, e de uma respeitavel familia d'Alemanha, a qual succumbiu victima do seu enthusiasmo por aquella doutrina: e este phenomeno novo da magnetisação, extraordinario e natural ao mesmo tempo, aterrorisou e indignou toda a gente séria, e produziu mais efficaç resultado do que quantos livros se tinham publicado contra a virtude magnetica animal.

#### CONSERVAÇÃO DOS MONUMENTOS NACIONAES.

Os MONUMENTOS, levantados pela arte humana, em epochas mui diversas, para commemoração de feitos illustres ou d'acções virtuosas, para o exercicio do culto religioso ou para o tracto dos publicos negocios, para abrigo e auxilio dos infelizes, ou para residencia e commodidade dos cidadãos, são os documentos da historia d'uma nação, ou para melhor dizer são essa mesma historia, porque com suas feições artisticas, disposições internas, inscripções e accessorios, estão continuamente dando lições do passado e indicando o presente. Zelosos e investigadores antiquarios empreendem penosas viagens para consultar as ruinas das antigas e florecentes cidades da Grecia e do Oriente, e estudarem nos monumentos os usos e costumes, as leis, a policia, e a religião dos povos que as construíram e habitaram, valendo mais o exame dos fragmentos, que escaparam á voracidade do tempo, do que a diuturna lição dos antigos escriptores. A estes laboriosos sabios devemos a elucidação de difficuldades historicas, que de outra fórma se não decifriariam: e está hoje assentado na Europa litteraria que o estudo da verdadeira historia de qualquer povo se fundamenta no exame e comparação dos seus archivos, se acaso existem, e das medalhas e moedas, das obras das artes, e até dos utensilios domesticos e instrumentos fabris, que se descobrem; estudo longo e arduo, mas proficuo, e que progride auxiliado pelas duas guias indispensaveis; a geographia e a chronologia.

Parece impossivel que á vista destas considerações, haja quem se atreva, no presente seculo tão ávido de sciencia, a demolir ou desfigurar um edificio, ou outro qualquer monumento, que é, para assim dizermos uma tradição viva, muitas vezes uma recordação gloriosa, e sempre uma próva historica. Qual será o barbaro que ousará arrazar ou adulterar essas obras? Não o dizemos por causa da elegancia das fórmas e porque ellas sejam modelos da arte, mas porque são as paginas do grande livro da vida d'um povo. Infelizmente vimos nos nossos dias que o frenezim de destruir se apossou de muitos individuos, ou produzido pelos arrojados da ignorancia e por um indifferntismo fatal, ou embaçado no pretexto de insignificantes commodidades.

Não nos demoraremos em combater esta doença

mental, ou estes actos da malicia, porque neste Jornal o fez já, e largamente, penna muito mais habil que a nossa (\*); e porque seria agora impertinencia refutar a erronea opinião e a teima de poucos, quando o zêlo, a diligencia e os esforços de muitos a desmentem e aniquilam, mostrando que existem almas generosas, que reverenceiam as memorias do passado, e prezam as sciencias, a litteratura e as artes. Organisa-se actualmente uma sociedade, composta de pessoas de varias jerarchias sociaes, que toma a seu cargo salvar as reliquias dos monumentos portuguezes: alcançou do governo o templo do extincto convento do Carmo calçado, desta capital, e o destina para deposito ou museu de todas as antiguidades artisticas que poder alcançar e que forem susceptiveis de ser para ahi trasladadas. Este pensamento é nobre, nacional e proveitoso; é tambem generoso, porque as subscripções pecuniarias dos socios costearão os gastos e manterão a empreza. Redigem-se os estatutos desta associação benemerita, que se intitulará *Conservadora dos Monumentos Nacionaes*; e não duvidamos que quando se publicarem se aggregarão aos fundadores muitas pessoas de toda a parte do reino, e virá assim a estabelecer-se uma corporação numerosa e respeitavel.

Os grandes edificios nacionaes estão salvos por um acto legislativo: oxalá que os governantes tenham meios e vontade para preservar da ruina esses magnificos adornos do territorio portuguez! Todos os governos civilizados mostram igual empenho nos seus respectivos estados; na cõrte pontificia [por exemplo] zelam-se os venerandos restos da antiga Roma; e entre as despezas publicas da França está consignada uma verba para o reparo e conservação das antiguidades nacionaes, havendo uma commissão especialmente encarregada de as investigar e de relatar o seu estado. Exemplos são estes muito dignos d'imitação e contamos que entre nós serão seguidos como convem á dignidade da Nação.

#### TITULOS OU DICTADOS DOS SOBERANOS DE PORTUGAL.

O Sr. conde D. Henrique se intitulou *consul* ou *comes*.

A Sr.<sup>a</sup> D. Thereza sua mulher *infans* ou *regina*.

O Sr. D. Affonso Henriques até Novembro da era 1174 *infans*: até a era de 1178 *princeps*: desde então *Rex Portugaliæ*.

O Sr. D. Sancho 1.<sup>o</sup> do mesmo modo; mas em alguns documentos desde Dezembro da era de 1227 acrescenta *et Algarbii* até a era de 1229 Abril.

O Sr. D. Affonso 3.<sup>o</sup> e o Sr. D. Sancho 2.<sup>o</sup> usaram sómente do titulo de *Rex Portugaliæ*.

O Sr. D. Affonso 3.<sup>o</sup> até a era 1285, em que morreu seu irmão, usou tambem do titulo *Comes Boloniensis, Procurator Regni Portugaliæ per Summum Pontificem, et Defensor, Procurator Fratris sui, et Comes Boloniensis*. Depois da sua morte, e ainda a 20 de Março da era 1297 se intitulava *Rex Portugaliæ, et Comes Boloniæ*; mas já a 28 de Março da mesma era 1297, sómente *Rex Portugaliæ*, titulo de que ainda usa em data de 13 e 21 de Fevereiro da era 1306; e em diante se intitulou *Rex Portugaliæ et Algarbii*.

Os seus immediatos successores continuaram este titulo. Porem a Sr.<sup>a</sup> rainha D. Leonor, depois da morte de seu marido o Sr. D. Fernando, usou do titulo: *Governador e Regedor do Reino de Portu-*

(\*) Vejam-se os artigos sobre monumentos a pag. 266 e 275 do 2.<sup>o</sup> vol. e 43 e 50 do 3.<sup>o</sup>

gal e do Algarve, até que o Sr. D. João 1.<sup>o</sup> a despossou do governo em 16 de Dezembro da era 1421. O mesmo senhor desde esta epocha até a sua acclamação em 6 d'Abril de 1423 usou do seguinte: *D. João filho do mui nobre Rei Dom Pedro, Mestre da Cavallaria da Ordem d'Aviz, e pela graça de Deus Defensor e Regedor do Reino de Portugal e do Algarve; accrescentando desde então: e Senhor de Cepta.*

Do mesmo titulo usou o Sr. D. Duarte e o Sr. D. Affonso 5.<sup>o</sup> até o anno de 1548 e sua primeira jornada á Africa, em que accrescentou: *e d'Alcacer em Africa.* Depois no anno de 1471, tendo rendido Arzila e Tangere, mudou o titulo deste modo: *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa,* invertendo nos documentos datados em Africa: *d'alem e d'aquem mar.* Depois de desposado com sua sobrinha a princeza D. Joanna em 1475 se assignou: *Yo El Rey;* e usou do titulo: *Rei de Castella, de Leão, de Portugal, de Toledo, de Cordova, de Sevilha, de Galliza, de Murcia, de Jahem, dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, de Aljasiara, de Gibraltar, Senhor de Biscaia e de Molina,* até Setembro do anno de 1479 em que fazendo pazes com elrei de Castella voltou ao titulo: *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa.*

Continuou com o mesmo o Sr. D. João 2.<sup>o</sup> até o anno de 1485 em que accrescentou: *e Senhor de Guiné,* como testifica Ruy de Pina na sua chronica cap. 19, nos ineditos da historia portugueza tomo 2.<sup>o</sup> pag. 65.

Do mesmo usou o Sr. D. Manuel até Março de 1408 em que, succedendo sua mulher a Sr. D. Isabel, por morte de seu irmão, no direito immediato á coroa de Castella, se assignou até a morte da mesma em 24 d'Agosto do mesmo anno: *Rei e Príncipe,* intitulando-se *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, Principe de Castella, de Leão, de Aragão, de Sicilia, de Granada, e Senhor de Guiné.* Desde a morte da mesma continuou com o antigo titulo até o anno de 1499, em que, talvez por occasião da chegada da armada de Vasco da Gama em 29 d'Agosto do mesmo anno, accrescentou o titulo com as palavras: *e da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India,* que continuaram os seus successores.

Até aqui o eruditissimo e profundo critico João Pedro Ribeiro no tomo 2.<sup>o</sup>, pag. 206 das suas *Dissertações Chronologicas e Criticas, &c.* Resta-nos agora acrescentar que o Sr. D. João 6.<sup>o</sup>, unindo aos reinos de Portugal e Algarves o estado do Brasil, que elevou á cathogoria de reino por carta de lei de 13 de Maio de 1816, usou d'ahi em diante do titulo de *Rei do reino unido de Portugal, Brasil, e Algarves &c. d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor de Guiné, da conquista e navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India &c.;* e occorrendo depois a separação do Brasil mudou-se este titulo no de *Imperador do Brasil, e rei de Portugal e dos Algarves, &c.,* em virtude da carta de lei de 15 de Novembro de 1825.

Com o fallecimento do sobredito monarcha acabou o titulo de imperador nos nossos reis. O Sr. D. Pedro 4.<sup>o</sup>, de saudosa memoria, que lhe succedeu na coroa, reassumi o titulo de *Rei de Portugal e dos Algarves, &c.;* e sua filha a Sr.<sup>a</sup> D. Maria 2.<sup>a</sup> intitulou-se *Rainha de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, &c.*

#### O GRANDE CAPITÃO NUNO DA CUNHA.

NUNO da Cunha, cavalleiro nobilissimo em sangue e em acções, foi filho de Tristão da Cunha, varão tambem excellente em todo o genero de prendas heroicas, e de D. Anna Antonia d'Albuquerque. Deixou os mimos e delicias da patria no verdor dos annos, e passou a militar em Africa com lanças á obediencia do grande Nuno Fernandes de Attaide por ordem expressa d'elrei D. Manuel. Passou depois á India com seu pai, e em uma e outra luzidissima palestra floresceu e sobresahiu vantajosamente em gentilezas e bisarrias militares. Na expugnação da cidade de Oja matou por suas mãos ao xeque ou governador da mesma cidade; na de Brava pelejou com brio, e alento sempre igual, e rendida e entregue ao fogo, sobre aquellas ruinas, theatro glorioso de seu valor, foi armado cavalleiro pelo grande Affonso de Albuquerque. Acompanhou o vice-rei D. Francisco d'Almeida na empreza de Panane, concorrendo e competindo com D. Lourenço d'Almeida, filho do mesmo vice-rei, e cavalleiro de elevadissimos espiritos; sendo um e outro as delicias de seus pais, que se reviam nelles quando os viam offerecer-se com resolução intrepida aos perigos maiores, porque então os reconheciam filhos. Na disciplina de tão insignes heroes passou Nuno da Cunha a ser heroe, a toda a luz, insigne. Em esforço, em prudencia, em magnanimidade, em desinteresse, em zelo de religião e do serviço do seu principe não cedeu vantagem a algum dos grandes homens do seu tempo. Faltava-lhe o olho direito perdido n'um jogo de canas; mas de prendas que podem exornar um perfeitissimo varão nenhuma lhe faltava. Por ellas o nomeou elrei D. João 3.<sup>o</sup> para governador da India, e o foi dez annos, cousa até alli nunca vista, nem depois em algum governador ou vice-rei. De caminho entrou e destruiu a cidade de Mombaça, cujo rei vexava a outros menos poderosos da costa de Moçambique, e aliados nossos. Assolou depois a ilha de Beth, com morte de todos os seus defensores. Teve guerras com muitos reis asiaticos, que impacientes do nosso dominio maquinaram a nossa ruina, entre os quaes o sultão Badur, imperador de Guzarate, foi tanto mais empenhado quanto era mais poderoso, acabando por fim aos fios da espada portugueza, e os outros se sujeitaram rendidos sollicitando com a sua vassalagem a nossa protecção. Conseguiu illusterrimas victorias por mar e terra de mouros e gentios. Nas direcções do governo civil procedeu sempre com tanta regularidade e justiça que se fez igualmente amado e servido. O grande Affonso d'Albuquerque estabeleceu aquelle grande imperio sobre tres solidos fundamentos: Goa, Malaca e Ormuz. O grande Nuno da Cunha o assegurou de novo com outros tres, quaes foram as fortalezas [famosissimas então] de Diu, Chalé e Baçaim, adquiridas com a sua diligencia, com a sua industria, e com o seu valor, e dispendio da sua propria fazenda. Sendo tão grandes as acções, e tão qualificados os merecimentos deste clarissimo varão, ainda foi maior e mais poderosa a inveja dos emulos, os quaes o malquistaram com elrei D. João 3.<sup>o</sup> tão gravemente que mandou um corregedor ás ilhas dos Açores para o trazer mettido em ferros. Pretendeu seu pai, Tristão da Cunha, mitigar a indignação d'elrei, e vendo que este lhe referia varias culpas de seu filho, que se contavam pelas praças, disse: — *Senhor, se V. A. sendo principe tão catholico e tão justo fosse disfarçado uma noite ao cats da pedra, ouviria taes cousas que desejaria fugir e não ser rei de povo tão ingrato. Veja V. A. o que dirão*

*de meu filho?* Esta comparação parece que no juizo d'elrei bastava a desfazer o credito dos rumores vulgares, e confiado nella dizem que o mesmo pai havia escripto a seu filho: *Cá dizem mal de ti a elrei; mas fazê justiça, manda pimenta, e deita-te a dormir.* De sorte que naquelle tempo para um governador poder deitar-se a dormir era necessario fazer justiça e mandar pimenta. Depois houve muitos que sizando sem reparo a pimenta, e contrafazendo sem escrupulo a justiça, nem por isso deixaram de dormir o seu somno mui descansados. Nada foi bastante para rebater ou moderar as sugestões dos ministros, e as ordens d'elrei, e sem duvida entraria neste reino aquelle heroe famoso e benemerito de immortaes coroas, mettido em opprobriosos grilhões, se a morte lhe não cortára o passo igualmente á sua vida e á sua desgraça. Voltando para Portugal adoeceu na viagem, e com actos de verdadeiro catholico falleceu em 5 de Março de 1539 com 52 annos de idade. Affirmou na ultima hora que da fazenda real não tinha na sua mão mais de cinco moedas de ouro achadas entre os despojos do sultão Badur, que por formosas trazia para mostrar a elrei. Perguntando-lhe um capellão de que maneira queria lhe compozesse o seu corpo para ser trazido á patria, respondeu: *Já que Deus é servido que eu morra no mar o mar seja a minha sepultura, pois a terra me não quiz nem eu lhe queria entregar os meus ossos.* Tanto costuma penetrar o desengano naquelle transe, que tão pouco lembra aos mortaes! Ordenou que se lhe atasse aos pés peso bastante para o levar ao fundo, e assim se fez, sendo o Oceano estreita sepultura para heroe tão iusigne.

#### CONQUISTA DE DAMÃO PELO VICE-REI D. CONSTANTINO DE BRAGANÇA.

No DIA 3 de Fevereiro de 1559 sahio da barra de Goa o vice-rei D. Constantino de Bragança com uma poderosa armada de cem vellas guarnecidas de 3:000 portuguezes luzidos, valorosos e costumados a vencer. Era o fim da jornada a conquista da cidade de Damão, com que se havia levantado Cide-Bofetá, de nação abexim, a despeito d'elrei de Cambaya seu senhor, o qual não se atrevendo a tirarlh'a por armas a doou aos portuguezes; que sempre foi facil a qualquer homem, principalmente a um mouro, dar o que não póde haver. Não foram occultas estas machinações ao vigilante Bofetá, e com admiravel promptidão se armou para a defesa, com todas as prevenções militares que se desejam em semelhantes casos: muralhas, reductos, baluartes, tudo guarnecido de muita e grossa artilheria, e de quatro mil combatentes que promettiam uma larga e obstinada resistencia ao nosso poder, por mais que antes lh'o representassem formidavel as noticias, e agora os olhos. Ordenou o vice-rei que desembarcassem dois mil portuguezes divididos em cinco esquadrões, os quaes com gentil ordem e briosa resolução marcharam para a cidade. Mas apenas começaram a encostar as escadas aos muros, quando os defensores, occupados improvisamente de um villissimo temor, ou [o que é mais certo] impellidos de brago superior e invencivel, se recolheram á fortaleza, e desta sem dilação á espessura dos mattos e á eminencia dos montes, donde se voltassem os olhos podiam bem ver a sua desgraça, e se levantassem os pensamentos podiam alcançar aquella verdade infalivel, de que se Deus não defende a cidade nada valem as forças e presumpções dos homens. Marchava já o vice-rei a soccorrer os seus que suppunha envol-

tos com os infieis, quando viu arvoradas e tremulando no ar as quinas reaes portuguezas; e prostrando-se de joelhos, levantando as mãos ao céu, rendeu graças immortaes ao supremo moderador de todas as creaturas, por lhe conceder tão suavemente aquella conquista, que, a ser disputada, podéra custar muita vida de christãos. Entrou na cidade trocando-se o assalto em triumpho, e as baterias em salvas com que se applaudiu um successo tão feliz, no qual mostrou D. Constantino que herdára, juntamente com o sangue, a fortuna do duque D. Jaime seu pai. Pareceu-se Damão com Azamor, cidades ambas inimigas, ambas buscadas com grande poder, e ambas conquistadas sem golpes d'espada, conseguindo um e outro clarissimo heroe a grande gloria de se renderem tão illustres povoações sómente á fama das suas armas e ao terror do seu nome.

#### VICTORIA DE SEBASTIÃO GONÇALVES TIBAU.

PELOS annos de 1603 dominava em Sundiva [ilha fertil e opulenta, de setenta leguas de circuito] um mouro chamado Fatecão, o qual por meio de traições e tyrannias subira áquelle estado, e com as mesmas se conservava nelle. Cheio de elevadas presumpções formava os titulos que lhe dictava a sua vaã arrogancia chamando-se *rei da ilha de Sundiva, derramador do sangue christão, e ruina da nação portugueza no oriente.* Raras vezes se mostra esforçado nos perigos quem antes delles blasona demasiado. — Vogava por aquelles mares Sebastião Gonçalves Tibau, exercitando o commercio, ou, como outros dizem, a pirateria com dez embarcações pequenas que alli se usam, e nellas oitenta portuguezes, os quaes eram um continuo sobresalto ao soberbo mouro. — Quiz este sacudir da visinhança das suas terras este pequeno poder, e por dar satisfação aos titulos que elle mesmo arrogára sabiu em sua busca com uma armada guarnecida de seiscentos combatentes escolhidos. Toparam-se na tarde desse dia, e travou-se um acerrimo conflicto que durou até a manhã seguinte, em que se viram victoriosos oitenta portuguezes de 600 mouros, sem que escapasse algum destes de captivo ou morto, e entre elles foi o soberbo Fatecão que pagou a golpes do nosso ferro os excessos da sua arrogancia. Das embarcações inimigas tambem não escapou nenhuma de rendida, ou abraçada.

#### TINTA PARA LITHOGRAPHIAS.

DA boa qualidade da tinta lithographica muito depende a perfeição dos exemplares, quer de desenhos quer d'escripta, que por este processo se extrahem. As preparações que os mais acreditados jornaes francezes qualificam de melhores são as seguintes =

1. <sup>a</sup> = Cebo de carneiro purificado . . .	2 partes.
Cera branca pura . . . . .	2 "
Gomma laca . . . . .	2 "
Sabão [do que tem veios como marmore] ordinario . . . . .	2 "
Pós de fumo, vulgó de çapatos, não calcinados . . . . .	$\frac{1}{6}$ "

Derretem-se o cebo e a cera n'uma vasilha de cobre fundido ou não estanhado, a um fogo de lenha aturado: quando estas substancias estão derretidas de todo, larga-se-lhe fogo por meio minuto, deitam-se-lhe depois as duas partes de sabão, cortado em bocadinhos para facilitar a dissolução, meche-se a

mistura com uma espatula de ferro, e só quando um bocado está derretido se lhe deita outro novo. Estando assim bem fundido o sabão com as outras duas materias, lança-se-lhe segunda vez fogo e deixa-se arder até que o volume fique reduzido ao que era antes de se lhe juntar o sabão, e não mais. Feito isto, deita-se-lhe a gomma laca, bocado por bocado, mechendo sempre de vagar com a espatula, e apaga-se a chamma se ainda estiver ateada. Ajuntam-se-lhe os pós de çapatos, bem moidos primeiramente, e meche-se tudo até formar perfeita mistura. Este residuo, bem concentrado pela ebulição ou fervura de alguns minutos, deve ser vasado logo n'um molde ou fôrma, onde se cortará a tinta em talhadas, antes do total resfriamento, por meio de uma faca e d'uma regua. É mister evitar que chegue a calcinação dos materiaes que compoem esta tinta a ponto de se carbonisarem; basta que fiquem quebradiços depois do esfriamento, e que os pedaços não possam ligar-se por meio de pressão. No caso de custar a apagar a chamma ainda mesmo pondo-se a tampa na vasilha, será preciso tirar esta do lume e deixa-la esfriar por um momento.

2. <sup>a</sup> = Sabão de cebo bem secco . . .	30 partes.
Mastique [ou almécega] em	
lagrimas . . . . .	30 "
Soda pulverisada . . . . .	30 "
Gomma laca vermelha . . . . .	150 "
Pós de çapatos . . . . .	12 "

Põe-se a derreter o sabão como já se disse, lança-se-lhe a almécega a pouco e pouco, mechendo sempre com a espatula para que se derreta e não encaroce; ajunta-se depois a soda pulverisada, dahi a gomma laca continuando a mecher. Estando tudo bem almagamado deitam-se-lhe os pós de çapatos da maneira sobredita. Passada uma concentração de um minuto vasa-se o mixto no molde e cortam-se as tiras em quanto o residuo está quente, porque aliás seria impossivel. Esta composição parece preferivel á primeira.

3. <sup>a</sup> = Cera virgem . . . . .	12 partes.
Cebo de vacca derretido . . . . .	4 "
Sabão . . . . .	5 "
Pós de çapatos não calcinados . . . . .	1 "
4. <sup>a</sup> = Cera branca . . . . .	8 partes.
Cebo purificado . . . . .	2 "
Sabão de cebo . . . . .	4 "
Almécega em lagrimas . . . . .	2 "
Termentina [ou therebentina]	
de Veneza . . . . .	1 "
Pós de çapatos . . . . .	2 "

Estas manipulações fazem-se á maneira da segunda composição; á excepção de que se ajunta a termentina quando os outros materiaes estão derretidos.

LAPIS LITHOGRAPHICOS.

MUITAS e variadas são as receitas para o fabrico dos lapis para desenhar lithographicamente. Contentar-nos-hemos com duas, que são affiançadas pelos escriptores que trataram recentemente desta materia.

1. <sup>a</sup> = Sabão de cebo . . . . .	150 partes.
Cera branca . . . . .	150 "
Pós de çapatos . . . . .	30 "

É necessario cortar o sabão em bocados bastante miudos antes de usar d'elle, e expô-lo ao sol por muitos dias para ficar completamente secco; e quando a estação o não permittir, póde seccar-se ao lume n'uma frigideira de barro, mechendo os bocados de continuo, e com o grau de calor conveniente. Conhece-se que está bem enxuto quando se quebra e desfaz nos dedos em vez de se amassar. Assim preparado o sabão, deita-se n'uma caçarola de cobre, não estanhada e com sua tampa de folha de ferro, a qual tenha cabo para se lhe pegar. Põe-se a caçarola a lume vivo de carvão de madeira, e quando o sabão está bem derretido, deita-se-lhe a cera pouco a pouco mechendo com uma espatula, ajuntam-se depois progressivamente e do mesmo modo os pós de çapatos, que se amalgamam bem com os outros materiaes componentes. A final concentra-se o mixto por um momento, tapando a vasilha hermeticamente, despeja-se depois no molde dos lapis, sem deixar inflammam a massa, que se não deve deixar calcinar. Este lapis é excellente para os toques mais vigorosos, para retoques, para mappas e papeis commerciaes, e emfim para todos os de que se tiram grande numero de copias.

2. <sup>a</sup> = Sabão de Marselha, ou de	
boa qualidade . . . . .	200 partes.
Cera branca . . . . .	200 "
Gomma laca vermelha . . . . .	20 "
Pós de çapatos . . . . .	15 "

Faz-se inteiramente como o precedente, excepto que se ajunta a gomma antes dos pós e se derrete com particular cuidado. É necessario inflammam estes materiaes ligados, por tres vezes, deixando-os ateados um minuto de cada vez. No caso que duas vezes pareçam sufficientes para se effectuar a calcinação, e que na superficie deste residuo se forme uma especie de codea, não se lhe deve lançar fogo terceira vez. Os lapis assim fabricados são proprios para a execução dos toques ligeiros e macios, tanto para figuras como para céus transparentes. Carregando mais ao desenhar na pedra se podem obter tambem effeitos vigorosos e puros.

É preciso em geral evitar com o maior cuidado que estes productos chimicos estejam expostos ás influencias do ar frio, quente ou humido, sendo uma temperatura secca e natural o meio mais seguro para a sua conservação.

CHEGANDO ás mãos d'elrei D. João 4.<sup>o</sup> um escripto pelo qual certo cavalleiro violentava a um homem ordinario a obrar n'um particular, como não devia, o chamou e lh'o deu a ler. O fidalgo conhecendo a sua letra ficou tão turbado que não acertava a lê-lo, até que elrei lhe perguntou: *Não sabeis ler a vossa letra? Mostrai que eu vo-la leio.* E lendo-lhe o escripto lhe disse: *Nem o escrever mal, nem o fazer mal é fidalguia, encommendo-vos a vida deste homem, porque d'aqui em diante corre por minha e vossa conta.*

CHILON, sabio da Grecia, dizia que as tres cousas mais difficeis d'executar eram: guardar segredo, empregar bem o tempo do ocio, e soffrer injurias.

ANAXILA'U, grego antigo, assimilhava os aduladores ao gorgulho, que assim que dá no trigo o não larga senão depois de o deixar vazio e ter-lhe roido toda a substancia.